



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARÍS—BELLAS ARTES.

A exposição universal dos productos de bellas artes não tem lugar no edificio chamado exclusivamente *palacio da industria*; mas n'uma grande construção provisoria, erigida expressamente para o fim proposto.

A entrada principal para os salões da exposição de bellas artes deita para a avenida Montaigne, na extremidade da parte do rio.

A fachada do monumento tem uns oitenta metros de largura; o centro é cortado n'um hemicyclo de cinquenta metros de abertura, guarnecido á direita e esquerda de dous corpos rectangulares. Na parte semi-circular abrem-se sete arcadas, envidraçadas, lendo-se no friso superior, em letras de ouro, as palavras: **EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARÍS.**

Mais altos que este hemicyclo, os corpos lateraes que acompanham a avenida Montaigne, compõem-se de um pavimento ao nivel da calçada, uma especie de sobreloja, e um primeiro andar, decorado de um frontão circular apoiado sobre pilastras elegantemente estriadas.

A segunda entrada publica do palacio das bellas artes, que deita para a rua Marbeuf, é tambem reintrante como a da avenida Montaigne: mas ali a forma semi-circular foi substituida pela linha recta. Tres portaes mais singelos dão por aquelle lado accesso ás differentes salas e galerias.

As arcadas da avenida Montaigne, levantadas do solo a altura de sete degraus, abrem-se sobre um immenso vestibulo, nas extremidades do qual começam duas amplas escadarias, que conduzem ás galerias lateraes, onde estão expostos os desenhos, aguarellas e gravuras, etc. Varios quadros da escola norue-

guense ornam este vestibulo, do qual se entra nas outras salas, dispostas em toda a largura do edificio, e divididas em sete secções transversaes.

São cinco as salas collocadas parallelamente ao vestibulo. No meio está a sala dos bavaros; a primeira á esquerda é a dos italianos; a segunda do mesmo lado, é a dos neerlandezes, maior em dobro que a reservada á Italia. O primeiro espaço, á direita da sala da Baviera, é consagrado aos austriacos. O segundo, no mesmo alinhamento, pertence á Inglaterra, cujos vastos dominios, cobrindo seis das secções transversaes, acabam onde começa a ultima galeria junto ao vestibulo da rua Marbeuf.

No centro da segunda secção, contigua á de Baviera, encontra-se a escola prussiana. A terceira divisão é reservada em parte á península hespanhola, tocando ao norte com a da Inglaterra, e ao meio dia com a da Belgica, que se segue n'este ponto á dos Paizes Baixos.

A vasta quadra em que então se penetra é o primeiro salão francez. Segue-se o segundo salão da França, que é de dimensão igual ao da península, que os inglezes e os belgas flanqueiam nas extremidades; logo depois encontra-se a terceira sala destinada á escola franceza.

A setima e ultima secção, d'onde se passa para o vestibulo correspondente á rua Marbeuf, constitue, para assim dizer, a grande galeria franceza. Á direita d'esta galeria ha uma serventia para a exposição especial das esculturas, que aliás foram repartidas, tanto quanto foi possivel, pelas outras salas. A gravura representa a entrada do edificio provisorio da exposição, que deita para a avenida Montaigne.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.
CARTAS ESCRIPTAS EM 1787.

Começamos n'este numero do *Panorama* a publicação das noticias da viagem de Beckford a Portugal, aonde as riquezas e o trato agradável lhe granjearam a amizade de fidalgos influentes, proporcionando ao seu talento observador e descriptivo a occasião propicia de retratar do vivo, e em vulto, as principaes figuras da côrte da rainha D. Maria I.

O quadro, que o viajante inglez traçou da sociedade portugueza mais illustre, no ultimo quartel do seculo XVIII, dous annos antes de rebentar em Paris a revolução franceza, que depois, crescendo como um incendio, invadiu as fronteiras de todos os estados, não se limita só a ser curiosa, é instrutiva, e segundo cremos tambem é unica.

A não ser nas informações diplomaticas dos ministros estrangeiros difficilmente se encontrará uma pintura mais completa e animada das idéas, costumes, e cultura do nosso paiz, em um periodo, que apesar de proximo, para nós se tornou dos menos conhecidos e estudados.

Beckford escreveu com desenfado, e sem ostentação, deixando correr a penna á medida que a veia critica o inspirava.

Tratando de igual a igual com os primeiros titulos, e admittido á intimidade das casas nobres, viu tudo pelos seus olhos, e pouco poderia escapar á penetração e viveza de que foi dotado.

O paço e a côrte, o clero e o povo, resáem nos seus paineis com a physionomia que lhes era natural. Os personagens, que nos offerece, respiram e movem-se diante de nós com a maior verdade individual. E o esboço dos logares e paizagens, em que as scenas se representam, nada deixa a desejar quanto á expressão e propriedade.

Logo se conhece que tudo aquillo é nosso, e não podia ser de outrem.

A malicia do auctor brilha com graça nos toques finos e ligeiros, com que levanta em relevo uma feição comica, ou com que oppõe á gravidade dos actores o ridiculo da posição, falsa ou jovial, em que os descobre.

No mais, deve louvar-se a sua escrupulosa fidelidade, e grande benevolencia pela nação, e pelos amigos, que soube conservar.

Beckford, cavalheiro a todos os respeito, nunca abusa da confiança, que lhe abriu com hospitalidade as portas dos palacios dos fidalgos, e as camaras menos accessiveis dos ministros. Sabe tornar-se divertido e interessante sem se aviltar ás fabulas e calumnias, de que outros, por ingratos, não duvidaram servir-se, imaginando realçar os livros a preço de imposturas e escandalos.

O merecimento da obra provém d'ella mesma: e como é provavel que da sua leitura se gere a curiosidade de apreciar de perto o escriptor, aqui apontaremos rapidamente as noticias, que pudemos obter acerca do opulento inglez, quasi naturalisado portuguez pelo seu amor á terra e aos moradores.

O viajante, de que tratámos, era filho d'aquelle espirituoso William Beckford, que sendo lord maire de Londres com resolução rara dirigiu a Jorge III, em 1770, as severas queixas do povo contra o seu governo.

Este acto de valor, nada commum, mesmo em Inglaterra, e sobre tudo n'aquelle seculo, levou os cidadãos da capital a perpetuarem a boa memoria do magistrado, erguendo-lhe na casa da camara a au-

daciosa estatua, que sustenta no braço erguido a famosa falla origem da sua popularidade.

Grandes riquezas, e a importancia que ellas quasi sempre dão, unidas a um caracter vigoroso e respeitavel, tinham determinado a eleição de William; e parece que o conceito publico, nunca desmentido, o acompanhou até á sepultura, á qual desceu em idade pouco adiantada, deixando por universal herdeiro dos seus immensos bens, reputados em cem mil libras esterlinas de rendimento annual, a seu filho unico, ainda menor, que é o mesmo, que veio a Portugal em 1787, e veremos estimado dos fidalgos, e bemquistado até dos plebeus, graças ao condão que possuia de saber insinuar-se.

O alicerce principal das riquezas de Beckford eram as suas valiosas propriedades coloniaes, situadas na Jamaica.

A educação, em que se esmeraram os cuidados de seu pae, dirigida com acerto, desenvolveu as prendas de um engenho dotado de grandes poderes litterarios, e o que menos vulgar é, soccorrido do tacto subtil, e do gosto mimoso, tão essenciaes para ser juiz competente e delicado apreciador dos primores das artes.

Concluidos os seus estudos, o mancebo, notavel pela magnificencia do seu trato, e pelos grandes talentos, com que realçava, foi olhado como um dos cavalheiros mais distinctos da Gran-Bretanha, e a sua alliança invejada pelos orgulhosos fidalgos da antiga e poderosa aristocracia, que ali continúa com sabedoria as tradições politicas do senado romano.

A sua escolha não se demorou. Em 5 de maio de 1783 Beckford ligava a sua sorte, e offerecia os seus thesouros, á formosa e seductora Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, par de Escocia, e n'este doce enlace abençoado por todas as venturas cifrava o jubilo e a esperanza da sua mocidade.

Mas os mais felizes e opulentos estão expostos, como os pobres e humildes, aos mesmos rigores da fortuna.

No maior auge das prosperidades alcança-os de ordinario o golpe, e quasi sempre acontece, que vae direito ao coração, abrindo as feridas incuraveis, que sangram sempre, porque o espinho da saudade nunca as deixa cicatrizar.

Passados tres annos, quando os laços do amor conjugal, se é possivel, estavam mais apertados, a esposa de Beckford, foi arrancada de repente aos estremos de seu marido, e sepultou comsigo no tumulo todas as alegrias, que o ditoso consorcio havia feito nascer.

Dando á luz o segundo fructo da sua união, Susana Euphemia, depois duqueza de Hamilton em Escocia, de Brandon em Inglaterra, e de Chatellerant em França, lady Margarida não pôde resistir aos effeitos de um parto desastroso, e expirou nos braços de seu marido. A magua d'este foi sincera e longa; e a vista dos logares, que lhe recordavam os serenos dias, tão curtos! do seu amor tranquillo, tornou-se-lhe insupportavel. Para não ceder á íntima e desesperada tristeza, que o consumia, separou-se, pois, de suas filhas, e deixou a Inglaterra, procurando o allivio d'ella nas variadas sensações de uma viagem extensa, tentada na peninsula hispanica, e bem propria pela diversidade do clima e dos costumes para o distrahir da sua dor. Executou o projecto, em 1787, e começando pelo reino de Portugal, aportou a Lisboa, seguindo directamente de Falmouth.

Apesar do tempo, e da inquietação, com que de

proposito queria sobresaltar-se, a sombra querida da esposa, não se lhe apagava da alma, e até no meio dos prazeres e regosijos o vemos de repente desviar-se para enchugar as lagrimas, que lhe arranca a sua-ve imagem sempre viva no fundo do seu peito.

A carta XVII é uma prova do que dizemos.

Admittido a beijar a mão da rainha, e a assistir com a corte a um festejo, o observador interrompe-se de subito para nos descobrir a nodosa indelevel, que lhe pizava o coração.

A semelhança casual, que se lhe figurou achar entre o rosto da condeça de Lumiares e o da esposa que chorava foi quanto bastou para logo se commover e arrebatarse! Por mais que tente conter-se, fuge-lhe dos labios a verdade; e por fim nem elle mesmo lucta já para a esconder. Ouçamol-o:

«O conde de Sampaio, camarista de semana, ajoe-lhou, e offereceu assim o chá á rainha. Depois d'esta cerimonia, porque tudo é ceremonioso n'esta corte cheia de ostentação, annunciou-se o fogo de artificio, e as reaes victimas acompanhadas das suas victimas entraram em outra sala. A marquez de Marialva, suas filhas, e a condeça moça de Lumiares, vieram para o aposento aonde eu me achava, e aposaram-se das janellas. Sete ou oito rodas de fogo, e outros tantos valverdes collossaes começaram a arder, lançando admiraveis foguetes por todos os lados, com grande alegria da condeça de Lumiares, que não conta ainda mais de dezeseis annos, e já é casada ha quatro. A sua jovialidade quasi infantil, e as louras madeiras, que se annelavam, emmoldurando as faces risonhas e vivas de cor, fizeram-me lembrar tanto da pobre Margarida, que a sua vista me infundia a mais terna melancolia. O estado interessante em que se achava, ainda augmentou a illusão; e em quanto ella, sentada á sacada, me apparecia por vezes envolta no clarão azulado dos foguetes que subiam silvando e estalavam no ar, eu estremecia, como se um espectro surgisse de repente, e dava por mim com os olhos banhados em lagrimas.»

Nos fins de 1787 Beckford passou a Hespanha, e escreveu ácerca d'esta segunda viagem outra collecção de curiosas cartas.

Depois recolheu-se á patria, e lá residiu, ora em Londres, ora na sumptuosa abbadia de Fontill, morada de principes, que a sua inclinação ás novidades e ao esplendor o decidiram a enriquecer de magnificas obras no estylo gothico da renascença.

Em 1794 uma accusação grave, que se julga provada, obrigou-o a sair precipitadamente da Gran-Bretanha, refugiando-se em Portugal, para onde o atrahiam os laços da convivencia anterior, e as sympathias pessoais.

Então é que edificou em Cintra, n'um dos pontos mais pittorescos, a casa de recreio de Monserrate, sumptuoso capricho de uma imaginação que sabia crear e desejar.

O marquez de Marialva estimava o opulento inglez, e em casa d'este fidalgo, tão distincto pelo sangue e pela cortezia, é que elle avaliára o conchego amavel e a benevolencia íntima da hospitalidade portugueza.

Sabedor da causa que forçara o amigo a expatriar-se, e do processo que o ameaçava na sua terra, o marquez não poupou diligencias com o principe D. João, para o resolver a interpor a sua protecção, recommendando a Jorge III o negocio de Beckford, e alcançando, como a final obteve, do governo britannico, a promessa do mais completo esquecimento.

Em testemunho da sua gratidão o estrangeiro pediu licença para offerecer á rainha quatro soberbos lustres de filagrana de ouro, destinados a ornarem a capella real; mas a soberana recusou, entendendo que não ficava airosa a sua corôa, acceitando de um particular presente de tanta valia!

Beckford, tendo vivido alguns annos em Portugal, requereu o titulo de visconde, e pediu a mão de uma filha natural da casa de Marialva, segundo se crê; porém a sua qualidade de estrangeiro, e a religião protestante que professava, não lhe permittiram obter nem uma nem outra cousa.

O fausto oriental do seu trato pessoal eclipsava já a grandeza do throno, e conselheiros menos prudentes insinuaram a necessidade de o constranger a abreviar a sua residencia.

Seguiu-se esta perniciosa opinião, e o opulento proprietario, contra vontade e muito a seu pezar, teve de deixar o paiz, que desejára adoptar para patria, transportando para elle as suas immensas riquezas.

Voltando por França e Italia, e assignalando por toda a parte a sua passagem, Beckford recolheu-se a Inglaterra; e em Fontill, aonde morava quasi todo o anno, ostentou as posses da magnificencia, e o gosto delicado com que sabia utilizar os seus thesouros.

Em poucos annos a abbadia tornou-se uma verdadeira maravilha. O portico, no estylo gothico moderno, é reputado um portento architectonico.

A primeira sala, que se encontra logo á entrada, com 68 pés de comprimento e 78 em altura, apresenta-nos o tecto de carvalho, lavrado em molduras, e ornado de braços á moda antiga.

Tres janellas com vidraças de côres, e de volta ponteguda como as das cathedraes da meia idade, coam a luz, para a soberba escada, por onde se communica para o octogono.

Este não terá talvez igual nas obras d'arte, devidas á bolsa de um particular.

Do centro a vista domina-se de cima de 138 pés de alto, e abraça os pontos mais pittorescos, recreiando-se, e admirando sem cessar.

A torre de 276 pés, d'onde se descobrem umas poucas de leguas em redor, custou a Beckford sommas incalculaveis.

No momento, em que já arremecava a sua corôa de ameias á altura em que havia de ficar, pegou-lhe fogo, e abraçou-se. Outro desanimaria, e as ruinas enegrecidas testemunhariam longo tempo o desalento; mas Beckford não cedia assim.

Apenando todos os carros e viaturas do districto, a ponto de suspender os trabalhos ruraes, principiou a reedificar com maior vigor ainda.

Dia e noite andaram na obra para mais de 460 jornaleiros, revezando-se aos quartos, e nos rigorosos serões do inverno, pendurando-se dos andaimes com fachos nas mãos, faziam ver ao caminhante, que passava á distancia, o espectáculo quasi phantastico das luzes, fugindo, brilhando, e sumindo-se de novo, suspensas em alturas desconformes, no meio da espessa treva das noites tormentosas!

O parque em volta do castello abrangia sete milhas de circumferencia; mas a disposição do terreno era tal que podiam andar-se vinte e uma sem volver segunda vez ás mesmas alamedas.

As arvores e os arbustos correspondiam. Desde a mais humilde planta dos Alpes até á mais rara flôr dos Tropicos, tudo ali se encontrava.

Beckford, antes de cerrar os olhos ainda teve a satisfação de receber em sua casa a neta de D. João VI.

a rainha D. Maria II, quando veio a Londres aguardar que a espada dos portuguezes fleis á sua casa lhe restituisse a corôa dos seus reinos usurpados.

A abbadia de Fontill, depois da morte do proprietario, vendeu-se em hasta publica; e um capitalista, M. Farquhar, foi quem a arrematou por trescentas e quarenta mil libras esterlinas (1).

Eis o que pudemos apurar ácerca do homem singular, que tantos annos viveu entre nós, e até ao ultimo suspiro nos consagrou amizade e dedicação.

No meio dos primores d'arte, que ennobreciam o seu palacio, os objectos que recordavam a sua longa residencia em Portugal occupavam o primeiro logar; e na sua instructiva conversação eram frequentes as saudades, com que o fastuoso inglez confessava ter sido constrangido a separar-se do nosso brando clima, e dos lindos olhos, que o levariam a esquecer a patria, se mesquinhas invejas lhe não cortassem os desejos, e não o afastassem para sempre.

L. A. REBELLO DA SILVA.

CARTA I.

PASSEIO A PALHAVÃ.

30 de maio de 1787.

Horne induziu-me, bem contra minha vontade, a acompanhá-lo na sua sege portugueza á residencia dos filhos bastardos de D. João V em Palhavã, em vez de proseguir as minhas costumadas excursões pela beiramar. É detestavel a estrada até aquelle magnifico jardim, nem conheço outra mais infestada de mendigos, cães, moscas e mosquitos. A quinta, pertencente ao marquez de Lourical, fica n'uma cova, e o basto arvoredado que a cerca nem passagem deixa á viração do ar; por isso eu abafava á sua sombra.

Um grande espaço plano da banda da frontaria da casa de campo está occupado com tristonhos labirintos de murta tosquiada, de que surgem altas pyramides, no desprezível estylo hollandez do que foi plantado pelo rei Guilherme em Kensington, e arrancado ha annos pelo rei Jorge III. Para lá d'esta brenha intrincada ha extensos carreiros de perenne verdura sombria, litteralmente e com grande propriedade denominados ruas, mais apertadas, com maior formalidade, e não menos pulverulentas do que High-Holborn. Tomei d'ahi para uns canteiros de hortaliças e plantas aromaticas de regadio, fechados por uns canicados mui limpos que engrinaldavam mui perfeitas e virentes rosas, de todo livres de insectos e polilha, dignas de se espargirem nos leitos ou metter no seio de Lais, Aspasia, ou lady.... Bem sei eu o enthusiasmo com que toda a pessoa de bom gosto se deleita n'estas amaveis flores; e quanto a miúdo e em versos harmoniosos foram pelo Ariosto celebradas. E não tem lady.... um camarim pin-

tado todo de rosas? Porventura não as esfolha no seu banho, e de nenhuma das outras flores enfeitada os seus idolos? Quem lhe contestará esse direito?

Em quanto eu estava poeticamente embevecido nas rosas, Horne travou conversação com um tal mestre de picaria anglo-portuguez, da casa de suas altezas bastardas, o qual trazia sua cabelleira mui composta e bem polvilhada, lustroso espadim de punho de prata, toda a andaina do fato de côr carmezim, e era dotado de uma guapa e bojuda pança. Com a mão direita na abertura do colete e a outra em acção de tomar a pitada, encarecia a piedade, temperança, e pureza de vida de seus augustos amos, que viviam retirados do mundo, em perfeito estado de socego, aborrecendo companhias profanas, nem sequer olhando para as mulheres.

Curioso de ver a vivenda d'estes sisudos regios enxertos, entrei no palacio; nem um insecto se bolia, nem se ouvia o mais leve susurro. Os aposentos principaes consistiam n'uma serie de salas de tectos altos, magestosas, e forradas uniformemente de damasco carmezim escuro; o topo de cada uma era coberto por um pezado docel de veludo lavrado; da direita e esquerda estavam enfileiradas immensas poltronas dos mesmos materiaes: nada de espelhos, de pinturas, dourados, ou decoração, nada mais do que monotona tapeçaria; até as mezas tapavam pannos de veludo franjados, no gosto d'aquelles que as nossas viúvas ricas usavam antigamente para arreiarem seu toucador. Basta a vista das mezas assim tapadas para fazer suar a gente; e não posso atinar como o diabo tentou os portuguezes a buscar moda tão sedicã.

Este gosto de vestir saias ás commodas e bancas é geralmente havido aqui por bonito, ao menos nos aposentos reaes. Em Queluz nenhuma meza de jogo ou de jantar escapou; e suspeito que não poucos vestidos velhos da côrte foram desmanchados para fornecerem aquelles atavios; ha-os de todas as côres, lisos ou floreados, com ramagens campezinhas, ou splendidamente recamados. Não assim em Palhavã, onde só predomina o carmezim; tingindo sem rival todos os objectos com a sua regia côr opaca. Arrumadas á parede entre duas das sobreditas mezas estão duas poltronas para suas altezas, e defronte uma ordem de cadeiras para os reverendos em Christo, que de tempo a tempo têm a honra da admissão.

Quanto pôde a força da educação! Que esforços não demandaria da parte das aias, escudeiros, e camaristas abafar todas as vividas e generosas sensações no animo dos principes que educavam, violentar a natureza humana sujeitando-a aos habitos de uma realceza sem poder! A magestade sem dominio é de todas a carga mais pezada. Um soberano achará em que se occupe; tem a escolha do bem ou do mal; porém, principes como os de Palhavã sem mando nem influencia, que nada mais tem a manter do que uma imaginaria grandeza, bocejarão com o espirito hebetado, e no andar do tempo se mostrarão tão ceremoniosos e inanimados como as pyramides de buxo enfezado em seus jardins. Quanto mais felizes foram os rapazes que o rei João entendeu que não devia reconhecer, e que não são pouco numerosos, porque o piedoso monarcha «largo como os seus dominios espalhava a imagem e semelhança do seu creador pela terra.» Talvez que esses, em quanto seus irmãos bocejam inertes debaixo de enferrujados doces, passem a vida zangarreando em suas violas nos ranchos vadios e descuidosos passeios ao luar, ou saracoteando-se no alegre fandango, ou gosando do profundo somno, das iguarias campestres, e das ga-

(1) Os primores encerrados na abbadia de Fontill, mesmo em Inglaterra, que é a nação das aristocracias e das opulencias, deslumbraram os mais experimentados amadores.

Porcelanas rarissimas; quadros de preço; trastes de ouro macio, de ebano, e de tartaruga; quanto á arte pôde conceber e a riqueza adquirir, ornavam os aposentos de Beckford.

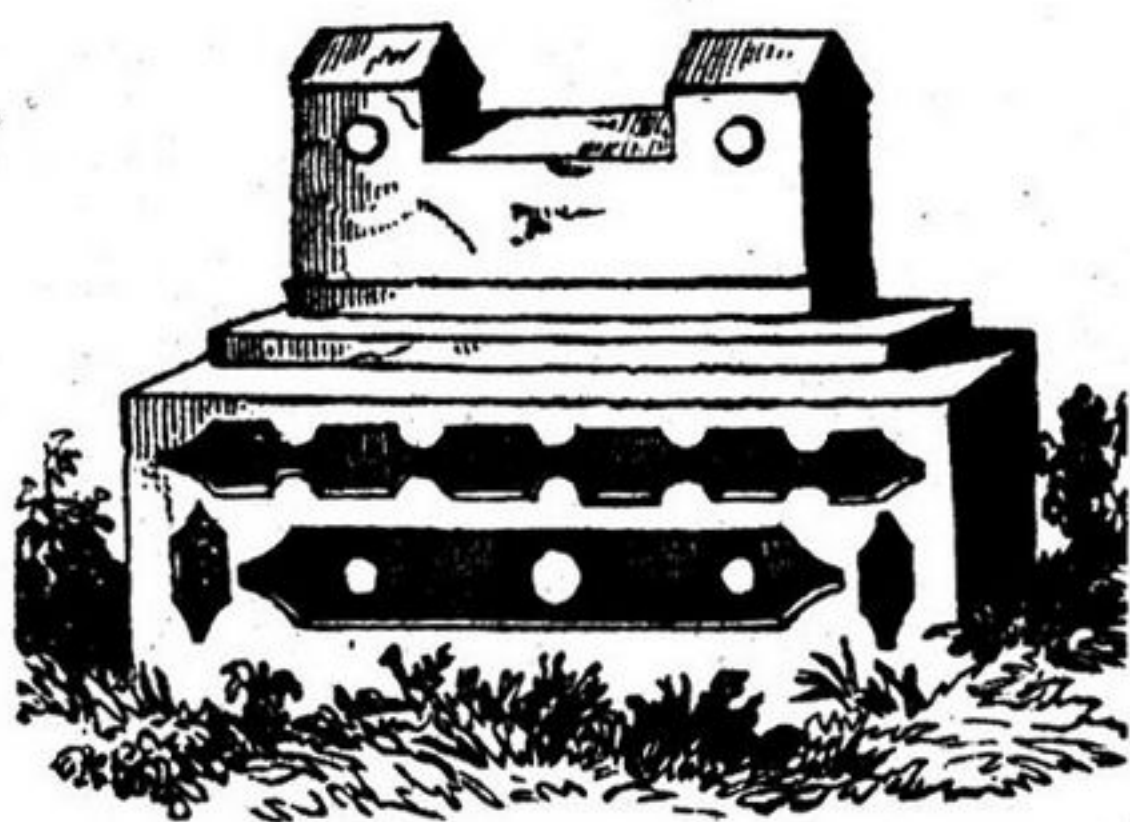
Quando se annunciou a venda, tres concorrentes disputaram a compra, encarecendo, a cada qual mais, o valor da propriedade. Eram o duque de Wellington, o conde Grosvenor, e o marquez de Hertford. Nenhum pôde chegar ao preço. O marquez consolava-se, dizendo: «Só o rei deve possuir este castello; em particular não sei como ha de viver aqui!»

lhofas, revestidos do caracter de curas d'alguma festiva povoação rural.

Folguei de ver-me fóra do palacio; o silencio, a luz fraca desalentavam-me, e n'uma atmosphera restricta, impregnada do cheiro de alfazema queimada, quasi desfallecia. Estou sequioso de ar. Nem é cousa que mova espanto; póde uma pessoa achar-se tão bem na cama com um esquentador, como dentro de uma sege portugueza com o corpulento Horne, que ostenta a volumosa barriga, ataviada n'esta estação com um colete de brilhantes lentejoulas. Forçoso me é partir para Cintra, ou morrer abafado!

(Continúa.)

...



OS JUDEUS CARAITAS DA CRIMÉA.

(FRAGMENTO).

Os thal mudistas fazem remontar a origem d'estes sectarios ao outavo seculo da era christã; mas os caraitas attribuem-se uma antiguidade muito mais remota, dizendo que o seu scisma começara muito antes da destruição do primeiro Templo. A etymologia do seu nome, que alguns derivam da palavra *kara*, escriptura, é um pouco duvidosa. Pelo que respeita á sua crença, differe ella da dos hebreus, em que rejeitam absolutamente o thal mud e toda a sorte de tradições ou commentarios rabbinicos, cingindo-se á letra simples da lei, tal como foi dictada por Moysés. A imitação dos musulmanos, que reputam como um acto de piedade transcrever o alcorão, impõem-se o preceito de copiar, ao menos uma vez na vida, o Antigo Testamento, começando no livro de Josué: o Pentateucho conserva-se á parte, e unicamente n'uma versão impressa para uso das aulas.

Algumas outras dissimilhanças na lithurgia, o modo da circumcisão, o regimen alimentar, bem como os graus de parentesco relativamente aos casamentos, estabelecem uma linha de demarcação profunda entre estes sectarios e os rabbins, que se dizem orthodoxos.

São os caraitas mui pouco numerosos. Encontram-se principalmente no Egypto, na Volhynia, na Lithuania, e até na Hollanda. Em Constantinopla contam-se umas quarenta familias d'elles, com synagoga particular no arrabalde de Khas-Keuf. O seu numero na Russia meridional, não póde calcular-se em mais de 2:000, comprehendendo as familias estabe-

lecidas em Odessa e nos arredores de Kherson, bem como as colonias de Kosloff e de Theodosia.

Todos os viajantes dão testemunho da honradez e probidade proverbiaes dos caraitas. Em toda a parte a sua palavra equivale a uma obrigação escripta.

Hospitaleiros, affaveis, aferrados á sua fé sem intolerancia, distinguem-se ainda dos seus correligionarios pelo constante aceio nas pessoas e habitações. Singelas, mas commodas e bem construidas, as suas casas dividem-se, como as dos musulmanos, em duas partes, a interior, reservada para as mulheres; e a exterior, onde o chefe da familia dorme, fuma, e recebe as visitas. O trajar dos caraitas differe pouco do dos tartaros, dos quaes adoptaram os barretes de feltro forrados de lã exteriormente; trazem porém todos barbas compridas, ao revez dos musulmanos em que a barba crescida é um privilegio concedido á jerarchia ou á idade.

Os desterrados de todos os tempos comprazem-se sempre em representar em torno de si a imagem da patria, que têm gravada no coração. Descendo de Thifut-Kalé (povoação cingida de muralhas, e habitada exclusivamente por estes judeus) caminho do sul, encontra-se um pequeno espaço assombreado por arvores seculares. Chamam-lhe os caraitas *valle de Josaphat*; é ali que fizeram o seu cemiterio. E em tal conta têm elles a conservação d'este asylo, recordação da antiga terra natal, que todas as vezes que os antigos khans pretendiam extorquir-lhes dinheiro ou presentes, bastava-lhes espalhar o boato da destruição proxima das arvores de Josaphat, a pretexto de falta de madeira de construção ou lenha: então a pequena colonia sobresaltava-se, e os mais pobres traziam a sua offerta para evitar o sacrilegio.

Uma vereda tortuosa conduz ao centro do acanhado valle, povoado de tumulos de pedra mui alva, contrastando com o verde escuro da folhagem. O numero das sepulturas diz-se que sobe a quatro mil. Quatro mil mortos para um milhar, quando muito, de vivos! Quantas gerações não têm dado o seu contingente para o funebre recinto.

A maxima parte dos tumulos estão collocados aos lados da vereda, e os outros quasi que amontoados á sombra das arvores. A forma é quasi invariavel. Comtudo os sarcophagos que parecem mais antigos distinguem-se por seu estylo severo; outros são sobrepujados de uma pedra á maneira de torre, como nos mausoleus gregos; mas nos dos caraitas repetida nas duas extremidades. Pallas chama-lhes *tumulos bicornes*; d'elles damos um transumpto na gravura. Todos são cheios de inscrições hebraicas; as mais antigas têm a data dos annos 1249 e 1252 da nossa era.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ACCLAMAÇÃO D'EL-REI O SENHOR D. PEDRO V.

Desde que succedeu no throno el-rei o senhor D. Pedro V, têm vogado diversas opiniões ácerca da coroação dos nossos reis. Concordando todas em que esta cerimonia deixou de ter logar depois que o malaventurado rei D. Sebastião se perdeu, arrastando na sua ruina as glorias e independencia de Portugal, diversificam nas razões por que se não tem repetido aquella solemnidade. Entretanto todas essas opiniões são inteiramente destituídas de fundamento, pois que os nossos monarchas nunca tiveram coroação.

Embora se leia em algum chronista, que D. Affon-

so Henriques, nas côrtes de Lamego, em seguida ao acto da sua acclamação, travára de uma corôa de ouro, que se dizia ter pertencido aos reis godos, e a collocára sobre a fronte; um justo criterio leva a crer, que nem o proprio fundador da monarchia fez uso d'esta cerimonia. Pondo mesmo de parte a historia inverosimil da tal corôa de ouro, triste despojo do infeliz D. Rodrigo, ultimo rei godo, não é crível que os immediatos successores de D. Affonso Henriques deixassem de seguir o seu exemplo n'uma cerimonia tão solemne para a realza, e que forçosamente havia de lisonjear a nova dynastia. E comtudo nenhuma chronica faz menção de que D. Sancho I, ou os soberanos que lhe succederam, usassem de similhante pratica, tratando todas, e algumas com minuciosa individuação, das ceremonias usadas por occasião da morte e levantamento dos nossos reis.

Nas ceremonias pois da acclamação consiste a grande solemnidade com que entre nós se inaugura um reinado. Esta festa nacional, a primeira de uma monarchia, quaesquer que sejam as instituições por que se governe, pois que n'esse acto se representa a consagração solemne de todos os direitos, e a alliança íntima de todos os poderes, esta festa, repetimos, foi sempre feita em publico, não sob as abobadas de um templo, ou entre as paredes de uma sala, mas sim n'uma praça, ao ar livre, em presença de todo o povo, grandes e pequenos, ricos e pobres, para que todos pudessem ouvir nas palavras com que o soberano jurava guardar os *bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades e franquezas* do povo portuguez, e no juramento de obediencia e fidelidade dos representantes da nação, o compromisso authenticico de concorrerem todos mutuamente, unidos pelos estreitos vinculos da religião e da communidade de interesses, para a felicidade da patria.

Depois da acclamação da rainha D. Maria I, em 1777, nunca mais presenciou Lisboa esta solemnidade. A d'el-rei D. João VI em 1818 teve logar no Rio de Janeiro. Seu filho o senhor D. Pedro IV não a teve, por ser um reinado transitorio em consequencia da sua abdicção. A da senhora D. Maria II tambem se não praticou pelos sabidos motivos, que anticiparam a epocha da sua maioridade, cobrindo a nação de lucto e dôr.

É portanto depois de outenta e oito annos que se apresenta a primeira occasião para se celebrar uma festividade nacional, que data da fundação da monarchia, que se prende a mil recordações gloriosas, e mais do que tudo isto, que consagra e perpetua esse direito popular, que em o nosso paiz deu origem simultaneamente á festividade e á monarchia.

A coroação é a festa do soberano. A acclamação é a grande solemnidade do povo. Aquella symbolisa um principio caduco. Esta representa esse principio vivificador, que nos fez outr'ora grandes e poderosos, respeitados e temidos; esse principio que a moderna civilisação tem restaurado e affeiçãoado aos seus progressos.

E será solemnizada a inauguração do reinado do senhor D. Pedro V com as ceremonias da acclamação, ou simplesmente com o acto do juramento real perante o corpo legislativo?

Entendemos que estas solemnidades não se excluem uma á outra; antes pelo contrario cremos firmemente que ambas se unem e harmonisam n'um laço moral e politico em proveito da nação e da monarchia.

A carta constitucional, determinando que o rei, antes de ser acclamado, prestará na mão do presiden-

te da camara dos pares, reunidas ambas as camaras, o juramento, cuja formula designa em seguida, não só acceita, mas estatue a cerimonia da acclamação.

A differença relativamente a esta solemnidade que a carta estabelece, consiste em que nos tempos anteriores a acclamação tinha logar assim que um principe succedia na corôa, qualquer que fosse a sua idade, como aconteceu por morte d'el-rei D. Duarte e de D. João III, em que foram acclamados D. Affonso V, e D. Sebastião, sendo levados nos braços dos seus camareiros, e agora ha de ser a acclamação precedida do acto do juramento do rei em sessão real, e por consequente depois de completar a maioridade.

Póde a acclamação ser feita em acto contínuo ao juramento, pois que a carta não trata do logar e da maneira por que se ha de celebrar aquella cerimonia. Esse cuidado, como o de outras grandes festividades nacionaes, deixa-o ao poder executivo. D'aquelle modo satisfaz-se a lei, mas não se preenchem os altos fins d'essas solemnidades, que serviram como de baptismo ás instituições, e que ficam servindo como de sacramento que as consagra perante a divindade, como de unção que as santifica e torna respeitaveis aos olhos do povo.

A acclamação do senhor D. Pedro V feita no recinto de um salão, e na presença de um auditorio limitado em numero pela estreiteza do logar, e fechado a muitas classes pelas exigencias dos programmas, perde toda a magestade e toda a significação d'essas grandes solemnidades que alçaram ao throno de Portugal o filho do conde D. Henrique, o mestre d'Aviz, e o outavo duque de Bragança.

Em todos os tempos se tem reconhecido, que as instituições humanas, por mais justas e santas que sejam, precisam de fórmulas exteriores adaptadas a conciliar-lhes o respeito das turbas, esse sentimento de veneração, que na maioria do povo se lhe infiltra n'alma mais por meio dos objectos, que lhe deslumbram ou encantam a vista, deixando-lhe recordações duradouras, do que por palavras, que comprehende mal, ou que difficilmente retem na memoria. Assim vemos em todos os ritos, e sob todos os systemas de governo os principios religioso e governativo revestidos de formulas, mais ou menos singelas, mas sempre apparatusas, segundo os costumes publicos, e em proporção do desenvolvimento industrial. Assim vemos essas formulas converterem-se em costumes, e logo estes servindo de base aos principios. É d'est'arte que as instituições se auctorizam, se perpetuam, e correspondem aos seus fins. É com esta doutrina sempre em vista, que o legislador deve procurar quanto for possivel satisfazer as novas exigencias da civilisação sem comprometter a existencia das instituições. É difficil, não ha duvida, harmonisar as idéas e as necessidades, que o desenvolvimento do entendimento humano e o progresso civilizador vão creando, com instituições modeladas por idéas ás vezes oppositas, e preparadas para outras necessidades. É difficil, mas não impossivel. Senão que o diga a Inglaterra, onde uma alta sabedoria tem conseguido dotar o paiz moral e physicamente com os variados beneficios da moderna civilisação sem derrubar as suas velhas instituições, sem desacatar o que n'ellas ha de venerando, antes pelo contrario augmentando-lhes o prestigio pelo modo por que as modifica, pelo respeito com que lhes toca, e pelo desvelo com que guarda muitas antigas usanças, que parecem inuteis ou irrisorias aos que olham superficialmente para as cousas, apreciando-as por um só lado, mas que servem para muito, ou pela venerabilidade que prestam

às instituições, ou pelo respeito e presistencia que dão aos costumes publicos.

Affiguram-se extravagantes ou singulares a muitos estrangeiros, que visitam Londres, as festas e ceremonial com que esta cidade celebra a eleição do seu lord maire, e lhe dá posse do emprego. Pois é da pratica constante d'este uso, e de muitos outros analogos, conjuntamente com as mais circumstancias/acima referidas, que a Inglaterra tira a subida vantagem de ter costumes estabelecidos e acatados, instituições enraizadas nos costumes, e virtudes publicas por fructo das instituições.

N'outros paizes, que não será necessario nomear, mas que bem avultam pela sua grandeza, ou pela grandeza da verdade, fizeram-se das instituições artigos de moda; proscreveram-se quasi todas ou muitas das suas antigas usanças, umas por decrepitas, outras por anômalas; mas o resultado ahi está, e a comparação é bem triste. N'esses paizes a instabilidade tem desauthorisado as instituições: o descredito das instituições tem enfraquecido o poder; a fraqueza do poder tem corrompido ou deixado corromper os costumes.

Se a annullação e perda de todas as noções de respeito e venerabilidade é uma justa consequencia d'aquelles males, será innegavel que tudo o que se fizer em taes paizes tendente a levantar, fortalecer e conservar semelhantes noções, serão outros tantos passos para a regeneração d'esse corpo social.

Não nos permitem os limites do jornal para que estamos escrevendo fazer a comparação para o effeito moral das ceremonias da aclamação, como se têm praticado até hoje entre nós, com as que a estreiteza do lugar pôde deixar fazer na sala da sessão real (1).

Não é uma funcção que pedimos de mais para divertimento do publico. É a conservação de uma grande solemnidade nacional, que em nome de muitos e respeitaveis interesses requeremos aos poderes do estado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VIAGEM PITTORESCA À RODA DO MUNDO E AOS DOÚS POLOS.

SECÇÃO IV.

Nova Zelandia. Os antipodas. — Mar da India. A ilha de França. — Paulo e Virginia. — Cabo da Boa Esperança. — Santa Helena. — Ascensão. A caixa da posta. — Passagem do Equador. — O pico de Teneriffe. — Terra!!!

Eis-nos á vista da Nova Zelandia. N'este momento, complacente leitor companheiro de viagem, estás com os pés virados para os pés dos teus amigos de Portugal, e com a cabeça em opposição com as d'ellés. Se entendes, como eu, que tudo no nosso paiz anda ás vessas desde muito tempo, consola-te agora, porque estás ás direitas a respeito d'elle. Aqui começa o inverno no mez de maio, a primavera em setembro, o verão em novembro, e o outono em março. Quando lá é noute temos aqui a luz do sol a alumiar-nos; estamos em trevas quando lá brilha o dia. Todo o volume da terra nos separa da patria.

Não nos demoraremos n'estas paragens, porque, segundo a opinião do intelligente Dumont d'Urville, em nenhuma outra parte do mundo os ventos reinam com tanta furia, como sobre as costas da Nova Zelan-

dia; mas nem por isso deixaremos de contemplar as physionomias de alguns dos nossos antipodas.

Aproximemo-nos da península de Banks, que já vogam para nós algumas canoas, guarnecidas de naturaes do paiz. São homens vigorosos e bem feitos, mas que parecem mais trigueiros do que na realidade são, por se untarem com azeite de peixe e ocre. As mulheres, mais baixas comparativamente do que os homens, passariam, em geral, por bonitas entre as europeas. Os primeiros viajantes que fallaram d'este povo, pintam-no com cores carregadas, e é fóra de duvida que todo elle tem um singular appetite pela carne humana: porém encontra-se no seu gremio a probidade, a generosidade e outras virtudes, a par de implacaveis idéas de vingança contra os seus inimigos. Vêde como riem os novos-zelandezes que estão diante de nós, arremedando os gestos que fazemos; mais longe outros saltam, ao som de grosseiras flautas, e saudam-se reciprocamente esfregando os narizes uns contra os outros.

Passando pelo estreito de Cook, que separa Tavaipounamou de Ika-na-Mawi, as duas grandes ilhas que constituem a Nova-Zelandia, e transpondo, alguns dias depois, o canal de Bass que divide a Australia da Terra de Van-Diemen, entremos n'esse famoso mar da India, que banha as mais ricas plagas do Oriente, e toca em tres das cinco partes do mundo.

Tendo avistado os rochedos do S. Paulo e Amsterdam, aproemos ás ilhas Mascarenhas, e d'entre ellas escolhâmos para repousar alguns dias a graciosa ilha de França, ou Mauricia, como lhe chamam os inglezes, seus actuaes possuidores. Bernardin de Saint Pierre tornou para sempre celebre este lugar, com o seu precioso livro de Paulo e Virginia. Elle nos servirá de guia na ilha de França.

Fundeiemos em Porto-Luiz, e precavendo o navio contra os furacões que devastam esta ilha e a de Bourbon, saltemos sobre as praias d'este afortunado paiz, onde reina uma eterna primavera. As suas altas montanhas estão cobertas de arvores sempre verdes, esmaltadas todo o anno de fructos ou de flores; seus valles sulcados por numerosos rios mostram abundantes plantações de café, canna d'assucar, tabaco, algodão, noz moscada, cravo da India e anil, que trepam por engraçadas collinas a entestar com vetustas florestas. Sobre o lado oriental da montanha que se ergue por traz de Porto-Luiz, se viam outrora as cabanas de madame de la Tour e de Margarida; perto da ilha de Ambar, reconheceréis a *passagem do Saint-Geran*, em cujos cachopos se perdeu o navio que trazia da Europa a desgraçada Virginia; mais adiante o *cabo Desgraçado*, que o Saint-Geran não pôde dobrar, na vespera da tempestade que o despedaçou contra os rochedos, quando tentava entrar no porto; ali a *bahia do tumulto*, onde se encontrou o cadaver da graciosa menina, pudicamente envolvido em areia; e perto da igreja de Pamplemousses, pelo lado occidental, podeis ainda adivinhar a sepultura dos dous amantes, que ahi foram enterrados, com intervallo de dous mezes, ao pé de uma moita de bambu, muito querida de Paulo e de Virginia.

Seja-nos permittido traduzir para aqui as elegantes palavras de Bernardin de Saint-Pierre, que pintam tanto ao vivo o horroroso naufragio, causador do infortunio d'estes dous entes.

«As nove horas da manhã, ouviu-se um ruido espantoso para o lado do mar, como se torrentes de agua, despenhando-se das montanhas, fizessem còro

(1) Veja-se a pag. 9 do 3.º vol. da 3.ª serie (anno de 1851) a descripção das ceremonias da aclamação d'el-rei D. João IV.

com o bramido do raio. Todos clamaram: Eis o furacão! E no mesmo instante uma terrível ventania sacudiu a cerração que encobria a ilha de Ambar e o seu canal. O Saint-Geran appareceu então, com a tolda coberta de gente, com as vergas e mastaréis arreados, bandeira colhida, quatro amarras pela prôa e uma pela pôpa. Estava fundeado entre a ilha de Ambar e a terra, áquem da linha de recifes que cerca a ilha de França, linha que elle transpozera passando por onde nenhum outro navio ainda havia passado. Aproximando ao mar, as ondas erguiam-lhe a prôa até mostrar a quilha, e n'esses momentos desaparecia a pôpa, como se estivesse submergida. N'esta posição, impellido para terra pelo mar e pelo vento, era igualmente impossivel ao navio sair por onde tinha entrado ou encalhar na praia, d'onde o separavam temiveis baixios. Cada vaga que vinha quebrar-se sobre a costa, avançava bramindo até ao fundo das enseadas, e arrojava pedras a cincoenta pés de distancia pela terra dentro; depois, recuando, descobria uma grande porção de praia, e arrastava apoz si com sinistro fragor quantos calhaus ali encontrava. O mar, batido pelo vento, engrossava a cada instante, e todo o canal comprehendido entre esta ilha e a ilha do Ambar não era mais que um vasto lençol de alva espuma, sulcado de vagas negras e profundas. A espuma elevava-se a mais de seis pés d'altura, accumulando-se, no fundo das abras, e o vento que lhe varria a superficie, lançava-a por cima do declive da praia a meia legua de distancia. Estes innumerables flocos brancos, correndo horizontalmente até ao sobpé das montanhas, pareciam neve que saíra do mar. O horizonte mostrava todos os signaes de uma duradoura tempestade, e confundia o céu com as aguas. Nuvens medonhas atravessavam o zenith com a ligeireza de um passaro, outras pareciam immoveis como grandes rochedos. Não se via nenhum pedaço azul do firmamento; um clarão pallido e tetrico alumiaava unicamente a terra, o mar e o céu.

«Com o arfar do navio succedeu o que se receiava. As amarras da prôa rebentaram; e como não tinha mais nada que o segurasse, foi varar sobre os rochedos a sessenta braças da praia. Todos soltaram um grito doloroso. Paulo ia lançar-se ao mar, quando eu o segurei pelo braço: — Meu filho, lhe disse, queres morrer? — Soccorrel-a ou morrer, exclamou elle. — Como o desespero lhe offuscava a razão, Domingos e eu lhe atamos á cintura uma longa corda, cuja extremidade nos ficou na mão. Paulo avançou para o Saint-Geran, ora nadando, ora caminhando sobre os recifes. Esperava chegar junto d'elle, porque as ondas movendo-se irregularmente deixavam ás vezes o navio quasi em secco, de maneira que se poderia andar a pé em torno do seu costado; mas logo depois, voltando com maior furia, cobriam-n'o de enormes massas de agua, que lhe faziam erguer toda a prôa, e sacudiam para a praia o desgraçado Paulo, com as pernas em sangue, o peito ferido, e meio afogado. Porém logo que o mancebo recuperava o uso dos sentidos, tornava com mais ardor para a embarcação, que o mar começava a despedaçar. A equipagem, desesperando de outra salvação, precipitava-se nas aguas, agarrando-se a vergas, a taboas, a capoeiras, a mezas e a barris. Viu-se então um objecto digno de eterna lastima: uma menina, que, da grinalda da pôpa do Saint-Geran, estendia os braços para aquelle que tanto se esforçava por chegar junto d'ella. Era Virginia. Reconhecêra o amante pela sua intrepidez. A vista d'esta amavel creatura, exposta a tão horrivel perigo, encheu-nos de tristeza e de deses-

pero. Virginia, com ar nobre e de plena segurança, agitava as mãos, como a dizer-nos um eterno adeus. Todos os marinheiros se tinham lançado ao mar; só restava um sobre o convez; estava inteiramente nu, e era musculoso como Hercules. Aproximou-se de Virginia com respeito; nós o vimos ajoelhar ante a donzella, e esforçar-se mesmo por lhe arrancar os vestidos; mas ella repellindo-o com dignidade, afastou a vista do marinheiro. Então ouviram-se os gritos repetidos dos espectadores, clamando: — Salvae-a, não a deixeis! — Porém n'esse momento uma serra de mar de espantosa grandeza, rebentou entre a ilha de Ambar e a costa, e avançou rugindo para o navio, a quem ameaçava com seu bojo negro, franjado de espuma. Vendo-a, o marinheiro atirou-se ás vagas; e Virginia, comprehendendo que para ella a morte era inevitavel, segurou com uma das mãos o vestido, pousou a outra sobre o coração, e erguendo seus olhos serenos, parecia um anjo que ia voar para os céus!»

Partâmos da ilha de França, e iremos descansar d'aqui a alguns dias na colonia do Cabo.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

OBRAS DE LORD BYRON.

As obras de lord Byron têm feito o giro do mundo, saudadas sempre com a universal estimação; pareceu-nos pois que não seria fóra de proposito, antes teria certa curiosidade para alguns leitores, a seguinte nota colhida de informações authenticas, que se encontram na edição completa das obras do sublime vate britannico, impressa em París, no anno de 1837.

Nota das sommas que lord Byron recebeu de mr. Murray pelo original das seguintes obras.

	Libras
Child Harold, Liv. I e II	600
» » III.	1:575
» » IV.	2:200
Giaour	525
Noiva d'Abydos	525
Corsario.	525
Lara.	700
Sitio de Coryntho	525
Parisina.	525
Lamentos de Tasso	315
Manfredo	315
Beppo.	525
D. Juan, Liv. I e II	1:525
» » III, IV e V	1:525
Doge de Veneza.	1:050
Sardanapalo, Caím e Foscari.	1:000
Mazzeppa	525
Prizioneiro de Chillon	525
Miscellaneas.	450
Horas de ocio, Poetas inglezes e critiqueiros escocezes, Céu e Terra, etc.	3:885
	19:340
A vida do grande poeta devida á penna elegante de Thomas Moore custou ao editor.	4:200
	23:540
Réis.	105:930\$000